

# A VICTORIA

*Páu n'elles, que é serviço!*  
(Livro de Daniel, Cap. IV)



FILHO DE PAES INCOGNITOS



*Ataca, Philippe!*  
(Memorias § III)

Dado e passado no Poleiro, 2 de Março de 1895

## OS NOSSOS LOUROS



Hurrah, valentes *Fenianos!*

Depois de uma luta desigual, em que os nossos esbaforidos inimigos revelaram os fructos de uma inercia covarde e miseranda, eis-vos, emfim, victoriosos e immortaes, coroados pelos radiantes applausos de uma sociedade civilisada, de um publico inteiro que vos aclama, que vos endoa, que vos perpetua nos fastos do heroismo carnavalesco!

E' realmente o mais estrondoso triumpho de que ha noticia nas paginas da... ponca vergonha! Vós não os vencestes:—vós os pisastes, vós os esmagastes, vós os reduzistes á expressão mesquinha de entidades atomicas, que, na sua organização de moleculas infimas, são a representação chata e banal dos seres infinitamente indivisiveis.

Ai! que vergonhosa queda, para quem tivesse uma certa dóse de brio a affoguar-lhe a delambida cara! Sim, *Fenianos* invictos! Si

esses indecentes e derrotados furrieis de Plutão, si essas nojentas e grotescas perfilhações da grande familia muar tivessem uma migalha reles de pudor, ateariam em chammas aquelle esburacado pardieiro, onde o Cynismo anda em fraldas de ceroula, e não mais exhibiriam em publico esses rostos corroidos pela syphilis de todas as podridões moraes, que elles mostram diariamente nas praças e nas ruas, recebendo de todos os cantos as vaias e os assovios ruidosos que o povo justamente indignado esgarra sobre elles!

*Fenianos!* A victoria de 95, ao mesmo tempo que vos abriu os porticos da eterna gloria, abriu tambem, com martelladas tezas e sonoras, a cova desses que nem ao menos fazem jus á commiseração misericordiosa das massas publicas.

Lança e a eterna maldição sobre elles e affastae-vos desse corrompido sarcophago, que já cheira mal ás pituitas perspicazes!

Sujos, e alem de tudo atrevidos!

## LORD GUINNESS



E' rei da chva, do ganso,  
Do pifão, da camoéca;  
Usa pince-nez, é manso,  
E' rei da chuva, do ganso;  
Bebe, bebe, sem descanso,  
Até cahir na somneca;  
E' rei da chuva, do ganso  
Do pifão, da camoéca...

*Felippe.*

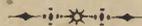
## SANTOS CARÉCA



Elle veste a mão alheia  
Mas traz a cabeça nua;  
Com transacção muito feia  
Elle veste a mão alheia.  
Tem cara de meia lua,  
Com toques de lua cheia.  
Elle veste a mão alheia;  
Mas traz a cabeça nua.

*Gatoramo.*

## LAMBE-CRINAS



Lambe cousas, lambe crinas,  
Lambe tudo que apparece;  
Corre beccos e latrinas,  
Lambe cousas, lambe crinas;  
E' ferreiro; mas conhece  
Madeiras grossas e finas;  
Lambe cousas, lambe crinas,  
Lambe tudo que apparece.

*Rocha.*

## PHENOMENOS



O Santos Surdo ouviu muito bem os *Vivas* e os applausos dispensados aos *Fenianos*. O jumentissimo *Caréca* andou de déo em déo, reclamando contra os berros e consta que até amanheceu com cabelo... na venta!

Phenomenal!

\*

E a prova aqui está:

Quando o nosso compa-  
nheiro Pega (que tem cabel-  
llos e não usa chinó) seguia  
o prestito, o bicho ficou tão  
atarantado que quiz pôr o  
seu collega sobre o moço...

Emfim, não houve desgra-  
ças pessoaes a lan-entar, por  
causa das taes ovações. Al-  
guem fez-lhe moderar o ar-  
dor bellico e recolher-se á  
enorme furna de suas co-  
lossaes orelhas.

\*

E já que estamos com a  
mão na massa, vamos a con-  
tar um episodio muito inte-  
ressante em que é protogo-  
nista o mesmo Caréca.

Ha dias anda um máu  
cheiro a inficcionar a rua 15  
do Novembro.

O Santos reclamou da Ins-  
pectoría de Hygiene, a qual  
imediatamente foi tomar  
as providencias devidas. Mas  
...oh! tristeza, oh! desgra-  
ça: a Inspectoría descobriu  
que o máu cheiro não vinha  
de boeiro algum, como San-

tos allegou: aquelle *perfume*  
vinha da *caverna*.

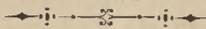
A Inspectoría tomou me-  
didas energicas e intimou os  
proprietarios a se limparem...

\*

Sabemos que a conhecida  
e graciosa rapariga Bertha  
Clarinetá Inglesa Chupa Ovo  
hontem, pela volta das 11  
horas da noute deu á luz  
um poldro pello de rato, que  
já foi adquirido pela *Coude-  
laria Poltronica*.

Dizem-nos que não tendo  
sido aquella respeitavel ma-  
trona assáz feliz no parto,  
como desejavam os Justis e  
os Joões, seguiu ella para  
Sorocaba a tomar leite de  
burrico com a mesma colher  
com que a burrica toma.

Parabens a ella e a elles.



## ARMANDO

Filho de trahyra e bagre,  
Cara de Ku japonez,  
Andas de dois por milagre,  
Filho de trahyra e bagre;  
E's um tolo, és um vinagre,  
E's um cabrito montez,  
Filho de trahyra e bagre  
Cara de Ku japonez.

*Simas.*

—

## DR. INTANHA

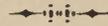
Tem bigodes e toicinho,  
Só tem toicinho e bigodes;  
No rosto de porco espinho  
Tem bigodes e toicinho...  
Para festas e pagodes  
Só tem a banha e o focinho;  
Tem bigodes e toicinho,  
Só tem toicinho e bigodes...

*Rochura.*

## As princezas fenianas

I

## HORTENSIA



Fidalgas, como as louras  
viscondessas de balladas me-  
dievaeas; arrebatada e ale-  
gre como as patativas ena-  
moradas que se beijam ao  
alvorejar dos sumptuosos  
dias de Maio...

Tem nos olhos a vivaci-  
dade lubrica das sultanas que,  
com garras de velludo, dis-  
putam a preza do seu amor.  
Garbo, luxuria, energia, de-  
licadeza, até alli.

Mata, dando vida; propi-  
na o veneno, servindo o  
amor em taça doirada; ama  
com ciume.

Perfeita mul'her do seu  
seculo!

II

## MARIA SANCHES



Fere pelos olhos, seduz  
pela meiguice e encanta pela  
belleza.

Se não fosse hespanhola,  
seria brasileira. Mas como é  
da harmoniosa terra do Cid,  
traz nos modos olympica-  
mente voluptuosos, todo o  
effluvio mystico e toda a  
languidez etherea das nere-  
das pagans, relembrando for-  
mosuras de estatuas helle-  
nicas.

Sulamita graciosa, despeja  
pela bocca verdadeiras fon-

tes de mel purissimo do Hy-metto, quando fala; instilla nos corações o affecto sorra-teiramente, fazendo jús a um throno e excitando muitas boccas que estão sedentas por libar-lhe o mel succharino dos labios.

Representa entre nós o luxo e a tradicional casquilhagem da alta *coquetterie* mundana.

## III

## CAROLINA

Chamam-n'a Portugueza.

Será talvez para indicar uma embarcação d'alto calibre ou navio de requestada pompa, como aquella vistosa machina de SS. MM. Portuguezas, que fez successo em tempo.

Creatura de uma indole celeste, mulher que nada tem de serpente e que, ao contrario do que dizem os sabios da escriptura, contra a biblica costella de Adão, é uma transfiguração de Anjo em gente e de pomba em mulher.

Companheira dos Fenianos que nos segue como Estrella ao marinheiro nos oceanos agitados das alternativas carnavalescas.

## IV

## CAROLA MALUCA

Nympha dos mares pagãos que como, sacerdotisa incansavel, pontifica nas aras do Amor e da Volupia.

Estouvada, mas bonita; alegre mas vingativa; galante, mas inquieta.

Creação de genial artista que delicia o paladar de um mancebo que tem cabello caixeado; e, que por muito querel-o, tral-o sempre com-sigo, ostentando-o á vista dos outros.

Passarinho com garras, corça com esporas, rosa com espinhos, virgem... não imaculada.

E' extravagante e rica: cada baile, um vestido, cada vestido... uma fortuna.

Bonita e de gosto!

## V

## LUIZA

E' pena que não tenhamos a vista a sua photographia para lhe retratarmos os traços salientes da sua physionomia.

Mas o que ella é fica gravado logo á primeira vista na memoria: collo de graça, fornida de ancas, bem tallhada de braços e pernas.

Não se caba ao certo sua nacionalidade; mas a viveza dos olhos, a indolencia de gestos e os seus amores faz pensar na Italia, na Grecia ou na Roumania.

Em resumo: docil, meiga, e amavel.

## VI

## XICA PICUÁ

Recatada, sympathica e *chic*.

Nem gorda nem magra; nem alta, nem baixa; nem desenvolta, nem acanhada. E' uma das mulheres de antiga tempera, que desmente com factos o dogma da inconstancia feminina.

Um dos ornamentos do salão.

Linda, de uma lindeza angelica, que se desfaz ao contacto do mais leve beijo; meiga de uma meiguice de pomba, a esvoaçar sobre o objecto do seu amor... Como as rainhas do oriente, tem a gentileza e a *pose* delicada que é o perfume das reaes organizações plasticas.

Quanto a sua conducta, impõe-se em toda parte; não tergiverse nem dá ponto.

Bonita e bôa!

## VII

## TIMBÓ

Prefiro chamal-a assim a designal-a com o seu verdadeiro nome de *Maria Luiza*.

Timbó! E' um nome muscél, dulcissimo. quasi perfumado, que entra pelos ouvidos a dentro como uma catadupa de notas melodiosas.

Subiu para o nosso *Pom-bal Aereo*, como um passaro de garrida plumagem, que se exhibe no topo de um ninho, todo entrelaçado em frouxel de estrellas.

Branca, sedosa, fina, ella deslumbraria as estatuas sagradas da Achaia e suplantaria pela rutilação irial das formas as creações extraordinarias de todos os Raphaelis da media idade...

Nos olhos... que fulgôr! nos labios... que ambrosia doce e mellifica! Nos braços... que crucifixo delicioso para as missas gloriosas, que se celebram nas aras esplendidas da luxunia!

Oh! divinisação soberba da Arte!

## VIII

## MAROCAS

No alto d'aquella soberba apotheose hippica Marocas estava superior a si mesma! Parecia uma dessas raparigas *salerosas* da Hespanha, suspensas no pulso varonil de um *torero*, a descautar amores idyllicos, sonhados em noites de luar...

E ao vél-a assim, eu gritei. num frenesi de doido entusiasmo soberano:

—Viva a Marócas!



IX  
TUDINHA

Delicada de feições, mimosa de gestos e alem de tudo uma creatura enamoravel e bôa.

Assentou em todas as almas o seu solio de sympathia e ternura; e vive nessa doce athmosphera creada pelos vapores da voiupia, sem comtudo abandonar os velhos camaradas que a estimam e adoram.

Nunca teve estes orgulhos todos, que tanto prejudicam a belleza e os dotes naturaes da mulher...

Emfim: uma *bambina* em tudo superior e em tudo digna de ser amada.

X  
MARIA ITALIANA

Prefere hoje—talvez com razão!—o cristal fino do *Baccarat* ordinario. Não navega rio abaixo, nas aguas lodosas de amantes aguados, que mal saberiam comprehender as suas prendas de alma e a sua graça de rapariga flexuosa e elegante.

Feniana—até alli! Vale muito para nós e nós valemos muito para ella.

Donairoza, chibante e querida de todos!

*Tico-tico.*

DISCUSSÃO...

...ouvida a porta do Garraux:

—Então já viste tanto caradurismo?

—Porque?

—Esta exposição de cores que os Poltrões mandaram deitar na vitrina...

—E' verdade!

—Não achas que é um desafôro?

—Pois não! Para quem fez um papel daquelles, homem!

—Eu, si fôsse o Jardim, matava-me...

—Eu, enfiava a cara...

—Numa commôa, pois não?

—Decerto!

—Ah! Eu, si fosse socio dos *Fenianos*...

—O que fazias?

—Agarrava-os...

—E depois?

—Tomava-lhes aquella corôa á unha...

—Não valia a pena: o ridiculo de tudo isso cáe sobre elles mesmos...

—Emfim, são uns sandeus!

—São uns cynicos!

OZORIO

Com nariz de palmo e meio  
Elle voltou da funcção;

Desacoroçoado veio

Com nariz de palmo e meio;  
Desageitado *plutão*

Sobre um cavallo sem freio,  
Com nariz de palmo e meio  
Elle voltou da funcção.

*Coalhada.*

JORDÃO

Elle escreve *chá* com X

*Cebo* com C cedilhado

E affirma que em seu paiz

Elle escreve *chá* com X.

Por ser um asno, um tapado,

Uma besta, um infeliz,

Elle escreve *chá* com X

*Cebo* com C cedilhado.

*Pêga.*

O CASO DA BANANA

Até agora estamos ainda de bocca aberta pelo caso da *banana*... dos Poltrões!

Pois aquillo é cousa que se faça em uma terra de gente limpa, ó seus *coisas*?

Mas o que mais nos admira é a coragem de quem se prestou a ir sentado sobre aquella extranha creação do seu Jardim!

Era um moço de bôa physionomia e *ar lindo*; além de tudo *leal*, franco e sincero.

Ora, como entregou-se a uma desmoralisação daquellas este pobre rapaz?

E' o que ninguem sabe explicar, attenta a gravidade do caso.

Entretanto, si os taes periquitos da *Caverna*, não quizerem ser apedrejados mande o Jardim consumir com essas fructas inconvenientes.

Nós bem sabemos onde vocês devem mettel-as...

*Tucano.*

PONTES

Virou, mexeu, dia e noite,  
P'ra aqui, p'ra alli, p'ra acolá;  
Com medo, com pressa e affoite  
Virou, mexeu dia e noite.

Mas agora triste está

E não tem onde se acoite;

Virou, mexeu, dia e noite,  
P'ra aqui, p'ra alli, p'ra acolá.

*Vaz.*

ESTELLA

E' da raça dos selvagens

Que se chama—*pororôca*;

Pelos modos e linguagens

E' da raça dos selvagens:

Tem plantada a sua tóca

Numa loja de ferragens;

E' da raça dos selvagens

Que se chama—*pororôca*.

*Ventura.*

